

## PROPÉRCIO

### Elegia I, 16

“Outrora estive aberta a enormes triunfos,  
porta famosa por pudor tarpéio;<sup>1</sup>  
cujos umbrais, molhados por choro de dor  
de escravos, freqüentaram carros de ouro;  
hoje eu, estragada por brigas de bêbados, 5  
tocada por indignas mãos, me queixo;  
não deixam de pender em mim torpes guirlandas,  
e depor tochas, signos da exclusão.  
Nem posso evitar noites infames à dona,  
eu, nobre, agora entregue a obscenos versos; 10  
ela sequer se atenta a largar sua fama  
e a vida mais vil que a luxúria hodierna.

Nessas noites, eu choro com sérios lamentos,  
triste com a longa guarda de um coitado.  
Ele nunca permite o repouso aos batentes, 15  
a me cantar lisonjas melodias.

‘Porta, no fundo mais cruel que a própria dona,  
por que, dura por fora, tu te calas?  
Por que não te abres nunca e aceitas meus Amores,  
e nem te importas com as minhas preces? 20  
Não se concederá limite à minha dor,  
terei um sono torpe no umbral tépido?  
Por mim deitado a noite escura, os astros plenos  
e a fria brisa matinal<sup>2</sup> se afligem.  
Tu, única a não ter pena de humanas dores, 25  
respondes com o silêncio dos teus gonzos.  
Oxalá minha fraca fala pelas gretas,  
possa alcançar o ouvido da senhora!  
Que ela seja mais forte que a rocha sicana,<sup>3</sup>  
que ela seja mais dura que aço e ferro, 30  
nem assim ela conterà os seus olhinhos,  
surgirá um suspiro em meio às lágrimas.  
Ora jaz apoiada em feliz braço alheio,

at mea nocturno uerba cadunt Zephyro.  
Sed tu sola mei, tu maxima causa doloris, 35  
uicta meis numquam, ianua, muneribus,  
te non ulla meae laesit petulantia linguae;  
quae solet irato dicere tota loco,  
ut me tam longa raucum patiare querela  
sollicitas triuio peruigilare moras? 40  
At tibi saepe nouo deduxi carmina uersu,  
osculaque impressis nixa dedi gradibus.  
Ante tuos quotiens uerti me, perfida, postes,  
debitaque occultis uota tuli manibus!'

Haec ille et si quae miseri nouistis amantes, 45  
et matutinis obstrepit alitibus.  
Sic ego nunc dominae uitiiis et semper amantis  
Fletibus aeterna differor inuidia."

cai-me a fala no Zéfiro noturno.  
Mas só tu, a maior causa de minha dor, 35  
porta, nunca és vencida por presentes.  
Não te atinge nenhum insulto em minha língua,  
que costuma dizer tudo, se irada,  
e me faz ficar rouco de reclamar tanto,  
velando longa angústia pela rua. 40  
Amiúde a ti verti cantos num verso novo,  
e em teus degraus dei beijos apertados.  
Quanto eu já dei as costas aos teus gonzos, pérfida,  
e, ocultas nas mãos, trouxe-te oferendas!'<sup>1</sup>

Disse ele tudo o que sabeis, pobres amantes, 45  
desafinando os pássaros na aurora.  
Hoje, graças aos vícios da senhora e aos choros  
de um amante, em mim guardo eterna inveja.”

## Notas

<sup>1</sup> Como Tarpéio também era conhecido o Capitólio: a castidade do Capitólio era tida como exemplar.

<sup>2</sup> Eos é a estrela matutina, sendo que seu nome acabou algumas vezes sendo adjetivado para representar essa parte do dia.

<sup>3</sup> A rocha da Sicília era um exemplo de dureza e resistência.

**Sexto Propércio** (45? – 15? a.C.) ocupa uma posição de relevo no conjunto da poesia clássica romana; e sua poesia atravessou dois mil anos de história da literatura ocidental, influenciando figuras como Petrarca, Goethe e, no século XX, Ezra Pound e William Butler Yeats, dentre outros, embora tenha sido raro seu aparecimento em traduções em língua portuguesa, em contraponto à prevalência de um Virgílio e um Horácio, cujas obras receberam maior atenção. Por alguns, é considerado o menos clássico dos clássicos, já que apresenta algumas passagens que, por serem um pouco mais obscuras que as de seus contemporâneos, fogem aos padrões estéticos vigentes na época, além da exacerbação virtuosísti-

ca das longas enumerações mitológicas que aparecem por toda sua obra, um claro exemplo do espírito helenístico. Suas elegias, especialmente as do primeiro livro, são dedicadas a Cíntia, sua amada, que, entretanto, é sempre cantada de maneira irônica. Propércio ao mesmo tempo louva e desvela a aura do amor, afirmando o presente em que vive, em contraponto à idealização mitológica do passado, mas ainda assim rindo de seu estado atual. O poema I, 16 é um bom exemplo do método properciano: em primeiro lugar, o *topos* da fala do amante desprezado para a porta é revertido, já que é a própria porta que fala e reclama de sua situação, pois é obrigada a ouvir a ladainha dos amantes de sua dona (que, por sinal, tem má fama); com o decorrer da elegia, podemos perceber que o indivíduo que a porta não agüenta mais ouvir seria o próprio poeta, que se põe no lugar do riso, assumindo o caráter patético de seu amor.

